

Crítica do espetáculo: o pensamento radical de Guy Debord

GABRIEL FERREIRA ZACARIAS
São Paulo, 2022, Elefante. 256p.

*Frederico Lyra de Carvalho**

“Vivemos em uma sociedade do espetáculo” (p. 13). É com a investigação desse aparente senso comum que Gabriel Zacarias abre o seu livro *Crítica do espetáculo: o pensamento radical de Guy Debord*. O seu rigor teórico é, no fundo, um convite à leitura e ao aprofundamento no pensamento do situacionista. Todo mundo fala e parece estar de acordo com o fato de vivermos em uma sociedade espetacular. Uma certa abordagem parcial tende a pensar se a sociedade seria do espetáculo pelo simples fato de ser invadida pelos mais diversos meios de comunicação. No entanto, “devidamente intitulada *sociedade* do espetáculo, o intuito da obra é compreender o espetáculo enquanto fenômeno social total, isto é, enquanto articulado à totalidade social” (p. 15-16). O autor busca atualizar criticamente o pensamento do teórico francês. O esforço é de mostrar que embora ainda se trate de uma sociedade do espetáculo, há mudanças na superestrutura e aparência o que obriga a crítica, dialética desde a sua origem, a atualizar certas

* Professor (ATER) na Universidade da Picardia Jules Verne (França) e doutor em filosofia pela Universidade de Lille. E-mail: lyrafred@gmail.com

categorias ao mesmo em que abandona outras que se tornaram anacrônicas. Não é possível simplesmente aplicar o aparato teórico de Debord para interpretar a sociedade atual.

O livro se divide em duas partes, cada uma por sua vez subdividida em dois capítulos. A primeira parte dedica um capítulo à *Sociedade do espetáculo* e um segundo aos *Comentários sobre a sociedade do espetáculo*, enquanto a segunda parte possui um capítulo dedicado à relação de Debord com o marxismo e um outro ao freudo-marxismo, no qual as leituras que Debord fez de *Eros e Civilização* (Marcuse) e de Joseph Gabel são discutidas. Há também uma introdução e um epílogo no qual Zacarias busca defender a “atualidade radical” de Guy Debord. Em se tratando do marxismo, Debord teve relações privilegiadas com o grupo Socialismo ou Barbárie e o pensador Henri Lefebvre. Debord chegou a participar do grupo Socialismo ou Barbárie, do qual faziam parte Cornelius Castoriadis e Claude Lefort. A relação de Debord com o grupo é atravessada pelas mudanças de rumo na política francesa (sobretudo o golpe de Estado seguido da proclamação da V República por Charles de Gaulle em 1958, além da guerra da Argélia), na esquerda radical desse país e no próprio Socialismo ou Barbárie dissolvido em 1963. Embora breve, a relação estabelecida com Henri Lefebvre foi mais estreita, marcada por uma influência mútua. A leitura de Lefebvre, entre outras coisas, foi decisiva na elaboração do conceito de situação.

O longo e denso capítulo que abre o livro se intitula *Crítica da separação*. Nele, Zacarias elabora uma minuciosa leitura d’*A Sociedade do espetáculo*. O autor começa por diferenciar conceito de espetáculo dos conceitos de aparência, imagem e representação: “o que a sociedade do espetáculo realiza é a existência efetiva de um conjunto de fenômenos aparentes que se torna a mediação necessária de acesso ao mundo objetivo. Se antes achávamos que para conhecer o mundo precisávamos das imagens recompostas perante o olho da consciência, agora essas imagens são industrialmente produzidas e difundidas” (p. 31). A categoria de espetáculo é de certa forma análoga à categoria marxista da mercadoria: “O que a mercadoria é em relação ao objeto, é a imagem espetacular em relação à imagem em sentido tradicional” (p. 32). A mutação que o espetáculo impõe à categoria de representação, por sua vez, é enunciado por Debord logo na primeira tese da *Sociedade do espetáculo*, onde é dito: “tudo o que era vivido afastou-se em uma representação” (apud p. 33). Não há mais vínculo efetivo entre o que se vive e os objetos representados. “Assim, conclui Zacarias, todos esses conceitos – imagem, aparência e representação – devem ser compreendidos em um novo sentido quando subsumidos à forma-espetáculo” (p. 33). Esta, por sua vez, implica também uma posição de classe. Isto é, aqueles que detêm os meios de produção são os mesmos que detêm os meios de representação do espetáculo. O eixo principal da ideia mesma de uma sociedade do espetáculo gira em torno da distância que separa a representação daquilo que é consumido e o que é, ou deveria ser, de fato vivido. Essa separação decorre fundamentalmente da divisão do trabalho que estrutura

a sociedade capitalista e que se agrava à medida que a sociedade e o aparato tecnológico se desenvolvem historicamente. “A crítica do espetáculo como crítica da representação alienada não é feita em nome de uma dissolução da representação na imediaticidade, como se uma vida não mediada pela representação fosse possível. Pelo contrário, ela é feita em nome justamente da crença no potencial da mediação da linguagem como passível de instaurar relações sociais não reificadas” (p. 229). A busca de Debord é por uma crítica e prática política capaz de reverter e reconciliar a separação sob uma nova lógica social efetivamente livre. Na sequência, Zacarias prossegue por uma série de análises ricas e detalhadas de conceitos e temas que atravessam o livro *A Sociedade do espetáculo*: a separação da cultura, a cisão do conceito e a perda da comunidade, fetichismo, reificação, valor, falsa consciência, mercadoria, dinheiro, sobrevivência, *vedettes*, e, sobretudo, o tempo. Vale frisar que poucas vezes estes conceitos, centrais para elaboração teórica de Debord, foram tão minuciosamente expostos e discutidos.

Um dos momentos mais importantes da *Sociedade do espetáculo* era a tomada de posição na disputa geopolítica da sua época, a Guerra Fria. O poder burocratizado soviético era designado como espetáculo concentrado, o outro, que designava as sociedades de aparência democrática que tendia a homogeneização do mundo, era caracterizada como espetáculo difuso. Do ponto de vista do situationista eram dois horrores equivalentes. No entanto, já em 1988, Debord notou que o espetáculo difuso tinha se mostrado mais forte e tendia a se transformar na base de uma terceira forma que emergia da vitória norte-americana que ele nomeou de *espetacular integrado*. Debord elaborou com os seus *Comentários sobre a sociedade do espetáculo* uma teoria que tentava dar conta das mudanças nas formas de governo e de poder no mundo global. Tudo se passava como uma inversão da própria inversão: “o que se denuncia agora não é mais a representação parcial ou falseada da realidade, mas a produção concreta da realidade segundo os paradigmas da reprodução” (p. 96-97). Isto é, “agora é o próprio mundo dos objetos que é produzido para adequar-se ao campo da representação” (p. 97). A produção industrial de alimentos seria um bom exemplo dessa falsidade crescente. A causa dessa mudança não é outra senão o desenvolvimento acelerado das forças produtivas, a terceira revolução industrial da microeletrônica. Segue que esse espetacular integrado transforma a forma mesma dos regimes democráticos que passariam a ter a máfia e o terrorismo como modelos principais, além de apresentar um crescimento exponencial nos aparatos e técnicas de vigilância dos cidadãos e da boataria como modo dominante do discurso.

No nosso presente, o espetáculo ganhou dimensão planetária. Alguns podem sustentar que o mundo digital, que é o nosso, traz consigo toda uma série de novos aparatos e mediações que implicam novos modos de uso, uma conectividade e interação global, que não foi prevista por Debord, comprometendo a teoria do espetáculo. Contra tais julgamentos, Zacarias sustenta que o mundo virtual unifica as pessoas de maneira apenas aparente, não criando relações diretas entre

elas, empobrecendo a linguagem, eliminando o diálogo e a capacidade de julgar. O espetáculo invadiu todas as esferas do cotidiano, mesmo a vida privada passou a ser exibida pelos meios digitais. A subsunção espetacular é quase total. A crise do capitalismo demanda uma teoria radical na qual certamente o pensamento de Debord, como demonstra este livro, tem muito a contribuir.